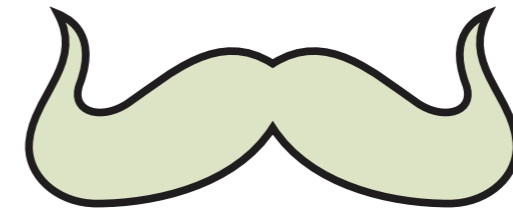


O que o famoso detetive Sherlock Holmes tem a ver com o Espiritismo?



Alunos do curso Básico da Seara Bendita escreveram uma história resumida sobre esse homem extraordinário: de médico a escritor, de católico a cético e, mais tarde, espírita. Vale a pena conhecer!

No livro *Um Estudo em Vermelho*, uma das mais famosas obras envolvendo o fascinante detetive Sherlock Holmes, logo após ser apresentado ao Dr. John H. Watson, que viria a ser seu permanente parceiro e melhor amigo, ele fala o seguinte: “Como vai? Vejo que você esteve no Afeganistão”. Muito surpreso, Dr. Watson pergunta: “Como você sabe disso?” Sherlock Holmes, então, explica: “Eis um cavalheiro com aparência de médico, mas com ares de militar. Está claro, pois, que se trata de um médico do Exército. Acaba de chegar dos trópicos, visto que tem o rosto bronzeado, e esse não é o tom original de sua pele, como se nota pelos pulsos claros. Enfrentou privações e doenças, como demonstra claramente o seu rosto macilento (pálido e magro). Teve o braço esquerdo ferido, e agora o mantém em uma posição rígida e pouco natural. Em que lugar dos trópicos um médico do Exército poderia ter sofrido tantas agruras e ser ferido no braço? No Afeganistão, evidente”.

Mas, afinal de contas, o que esse imortal personagem (quem assiste o seriado *House* na televisão está vendo Sherlock Holmes no papel de médico), esse detetive arrogante, solteirão, usuário eventual de cocaína, mas dotado de uma brilhante imaginação e de um excelente poder de dedução, tem a ver com o Espiritismo?

Nada, absolutamente nada.

Entretanto, seu criador, Arthur Conan Doyle, tem tudo a ver.

Uma breve biografia de Conan Doyle

Arthur Conan Doyle nasceu em 22 de maio de 1859, em Edimburgo, Escócia, nação integrante do Reino Unido. Morreu de ataque cardíaco, aos 71 anos, em 7 de julho de 1930, na cidade inglesa de Crowborough. Suas últimas palavras, ditas a sua esposa, foram: “Você é maravilhosa”. Conan Doyle foi médico, poeta e escritor. Aos 43 anos de idade, Conan Doyle foi nomeado Cavaleiro do Império Britânico (Knight of the British Empire), passando a poder usar o título de sir. Todo cidadão britânico almeja ser nomeado Par do Império Britânico (Peer of the British Empire), o que equivale a possuir um título de nobreza, tal como duque, barão, marquês ou visconde. Essa alta distinção foi oferecida a Conan Doyle, que a rejeitou, pois, para isto, teria antes de renunciar ao Espiritismo.

Em um breve aparte: Allan Kardec nasceu em 3 de outubro de 1804 e morreu em 31 de março de 1869. Logo, ele e Conan Doyle não chegaram a se conhecer, pois este era um menino de quase dez anos quando Kardec morreu.

Retomando a história, seu pai, Charles Altamont Doyle, era um inglês de ascendência irlandesa. Sua mãe, Mary Foley, seu nome de solteira, era irlandesa. Ela e Charles se casaram em 1855 e Conan Doyle nasceu quatro anos depois. Formavam uma família rigorosamente católica e Conan Doyle herdou de sua mãe o caráter cavalheiresco, sendo que foi ela quem o iniciou na educação, ensinando-lhe as primeiras letras.

Conan Doyle, quando tinha nove anos, foi enviado para um colégio jesuíta. Depois, matriculou-se no Stonyhurst College, uma escola católica. Ao concluir o colegial, passou a rejeitar o Cristianismo, tornando-se agnóstico, por influência do escritor Thomas Babington Macaulay, que dizia haver se tornado agnóstico após ouvir de um padre que os não católicos iriam para o inferno. Macaulay, Walter Scott e Edgar Allan Poe foram os literariamente mais influenciaram Conan Doyle.

Entre 1876 e 1881, Conan Doyle estudou medicina na Universidade de Edimburgo. Enquanto estudava, começou a escrever pequenas histórias, sendo que sua primeira obra foi publicada antes que ele completasse 20 anos.

Teve sua primeira experiência naval, como médico, numa baleeira, onde ficou por sete meses no Oceano Ártico. Posteriormente, serviu como médico em outro navio, que passou por sérias dificuldades no mar, levando Conan Doyle a abandonar a vida de médico e se dedicar à de escritor.

Em 1885, Conan Doyle casou-se com Louise Hawkins, que faleceu em 4 de julho de 1906. No ano seguinte, casou-se novamente com Jean Elizabeth Leckie, uma antiga paixão, com quem manteve uma relação platônica enquanto sua esposa estava viva. Jean morreu em 27 de junho de 1940, quase dez anos após seu marido. Conan Doyle teve cinco filhos, sendo três com a primeira esposa e dois com a segunda.

A sua primeira obra notável foi *Um Estudo em Vermelho*, publicada em 1887, obra esta que deu origem a Sherlock Holmes, que viria a ser um personagem mundialmente conhecido, objeto de inúmeros livros e filmes.

Segundo consta, Conan Doyle teria parcialmente baseado Sherlock Holmes em um professor, de quem admirava as qualidades de dedução, inferência e observação, qualidades estas que colocou em seu personagem.

Em 1893, Conan Doyle mata Sherlock Holmes para poder se dedicar ao que ele considerava mais importante: os seus livros históricos. E irá desenvolvê-los com o mesmo conhecimento, fértil imaginação, comunicabilidade e, sobretudo, a lógica, a indução e a dedução que se utilizou ao criar o famoso detetive.

Conan Doyle e a criminologia

A engenhosidade de Conan Doyle usada nas obras de Sherlock Holmes teve o mérito de estimular o desenvolvimento da criminologia.

A criminologia é um conjunto de conhecimentos que se ocupa do crime, da criminalidade e de suas causas, da vítima, do controle social do ato criminoso, bem como da personalidade do criminoso e da maneira de ressocializá-lo. Seria, portanto, o “estudo do crime”.

É uma ciência empírica, pois se baseia na experiência da observação, nos fatos e na prática, mais que em opiniões e argumentos. É interdisciplinar e, portanto, formada pelo diálogo de uma série de ciências e disciplinas, tais como a biologia, a psicopatologia, a sociologia, a política, a antropologia, o direito, a criminalística, a filosofia e outros.

Conan Doyle e seu envolvimento com a política

Após a guerra bôer, que ocorreu na virada do século 20 na África do Sul, e o escárnio vindo de todo o mundo por causa da conduta do Reino Unido, Conan Doyle escreveu um pequeno panfleto intitulado “A Guerra na África do Sul”, justificando a conduta inglesa naquele conflito. Esse panfleto foi traduzido para vários idiomas, levando Conan Doyle a acreditar que por causa dele fora nomeado sir em 1902 e indicado como deputado suplente do condado de Surrey. Posteriormente, ele tentaria por duas vezes entrar para o Parlamento, mas não conseguiu ser eleito, apesar de ter sido bem votado em ambas as ocasiões.

Em 1900, Conan Doyle escreveu o livro *A Grande Guerra Bôer*. A guerra foi tema de outros famosos livros seus, tais como *A Guerra Alemã*, de 1914, *Um Olhar sobre a Guerra*, de 1915, e *A Campanha Britânica na França e na Bélgica*, de 1916.

Conan Doyle e seu envolvimento com o Espiritismo

Seu envolvimento com o Espiritismo começou em 1887, por meio de sessões mediúnicas que o fizeram rever seus conceitos.

Após sofrer perdas da esposa, filho, netos e amigos, Conan Doyle entrou em profunda depressão, tendo encontrado consolo no Espiritismo. Esse envolvimento o levou a escrever sobre o assunto.

No auge de sua fama, em 1918, enfrenta todos os céticos e publica *A Nova Revelação*, obra em que manifesta a sua convicção na explicação espírita para as manifestações paranormais estudadas a esmo durante o século 19. Nessa obra, Conan Doyle descreve em detalhes como se deu sua conversão ao Espiritismo, e declara que “muitos estudiosos têm sido atraídos ao Espiritismo, uns pelo aspecto religioso, outros pelo científico, mas até agora ninguém tentou estabelecer a exata relação que existe entre os dois aspectos do problema”.

Allan Kardec já havia definido e solucionado esse problema, ao apresentar o Espiritismo como doutrina sobre tríplice aspecto: filosofia, ciência e religião, posição esta que Conan Doyle também seguia.

A doutrina da reencarnação determinou o aparecimento de uma divergência entre aquilo que se estabeleceu chamar Espiritismo Latino e Espiritismo Anglo-Saxão, pois os seguidores desta última corrente, particularmente os ingleses e os americanos, embora aceitassem a Doutrina Espírita, não admitiam o Princípio Reencarnacionista, motivando, com isto, críticas e ataques ao Espiritismo. Apesar disso, Conan Doyle e outros renomados espíritas ingleses e americanos admitiam a reencarnação.

Ao mesmo tempo, inicia uma série de outras obras de grande mérito, revelando perfeito entendimento do problema religioso do Espiritismo. Além disso, divulgava a doutrina por meio de palestras sobre o tema.

Em 1921, publica *A Chegada das Fadas*, em que fala sobre a existência de fadas e Espíritos.

Em 1926, publica *A História do Espiritismo*, obra de natureza histórica, na qual aborda a história do movimento espiritualista anglo-saxônico, francês, alemão e italiano, com destaque para os fenômenos físicos e as materializações espirituais produzidas por Eusápia Paladino e Mina “Margery” Crandon. No lançamento da primeira edição dessa obra, a revista inglesa *Light* destacou o equilíbrio e a imparcialidade com que o assunto foi abordado, salientando que os críticos haviam sido “agradavelmente surpreendidos” porque Conan Doyle, conhecido como ardoroso propagandista do Espiritismo, fora de uma imparcialidade a toda prova... Uma obra de história, escrita com preconceitos favoráveis ou contrários, seria, pelo menos, antiartística, pecado jamais cometido pelo autor de *The White Company* em nenhuma de suas obras.

Para esse trabalho, de grande magnitude e amplitude, Conan Doyle pediu auxílio a diversas pessoas, tendo encontrado na senhora Leslie Curnow uma dedicada e eficiente colaboradora. Com essa ajuda, prosseguiu nas suas investigações até concluir a obra.

O próprio Conan Doyle define aquele critério ao falar do desejo de contribuir para que o Espiritismo tivesse sua história. O objetivo da obra não era o de fazer propaganda de suas convicções, mas o de historiar o movimento espírita. Daí, ter-se colocado imparcial e serenamente como observador dos fatos que se desenrolam aos seus olhos, através do tempo e do espaço.

No mesmo ano, retoma a esse assunto na obra *A Terra de Mist*, de natureza ficcional, para a qual cria o personagem Professor Challenger.

Conan Doyle acreditava fortemente no Espiritismo.

Tanto que se negou a receber o título de “Par do Reino Britânico”, para o que teria de renunciar à sua crença, a qual permaneceu fiel até os seus últimos dias, confrontando a todos e ao sectarismo então vigente.

Conan Doyle foi presidente honorário da *International Spiritualist Federation*, de 1925 a 1930, bem como presidente da Aliança Espírita de Londres e presidente do Colégio Britânico de Ciência Espírita.

Conan Doyle se dedicou intensamente ao Espiritismo, havendo quem o chamasse de o “São Paulo do Espiritismo”. Ele acreditava que o valor da Doutrina Espírita estava no seu aspecto religioso e moral. Dizia ele: “Considero muito importante pôr em evidência cada vez mais o lado religioso do Espiritismo”.

Assim como Allan Kardec, Conan Doyle chegou à lógica conclusão de que o Espiritismo sem o lado religioso do Evangelho foge completamente à sua finalidade de encaminhar as criaturas a Deus.

Por seus dotes intelectuais e seu agudo poder de observação, foi um missionário que fez o Espiritismo ser conhecido e respeitado na culta Inglaterra.

Carla L. Lauria, Helena Doghain, Ines Tumiatti, Luiz Eduardo Martins Ferreira, Rose Bastos e Valdemar Luiz Foltran Este trabalho é um resumo da pesquisa realizada pelo Grupo de Estudo criado pelos alunos citados e elaborado para uma aula do curso Básico Quatro, do primeiro semestre de 2013, na Seara Bendita.

